

MERAMENTE ILUSTRATIVAS? QUANDO AS IMAGENS FALAM POR SI SÓS

João Manoel Nunes de Souza¹, Cristiani Bereta da Silva²

¹ Acadêmico do Curso de História da FAED - bolsista PIBIC/CNPq.

² Orientadora, Departamento de História da FAED/UDESC- cristianibereta@gmail.com.

Palavras-chave: Programa de Admissão. Discurso Imagético. Disputa de Memórias.

O objetivo do artigo “*Meramente ilustrativas? Quando as imagens falam por si sós*” foi o de identificar, a partir dos livros “*Admissão ao Ginásio*” (Editora do Brasil, sem datação) e “*Programa de Admissão*” (Editora Companhia Nacional, edições de 1957 e 1965) — destaca-se que foram selecionadas apenas as imagens da capa e das seções de História, de autoria de Aurélia Marino e Joaquim Silva, respectivamente —, se os discursos imagéticos apresentados poderiam ou não ser problematizados e trabalhados didaticamente nos exercícios e nas atividades complementares propostas. Foram utilizadas, ainda, correspondências entre docentes e editoras, além da publicidade de livros da época, cotejando-as de forma a compreender a relação desses agentes com as imagens materializadas. Para tanto, foram necessárias a mobilização de algumas categorias de análise, de modo que pudéssemos compreender que, muitas vezes, a aprendizagem escolar poderia independe da mediação docente e se dar também por intermédio dos referenciais de identidade (denotando as diferentes disputas de memórias e de representações) e da cultura escolar e social do público-alvo, que, no caso específico, eram estudantes de cursos preparatórios do Programa de Admissão ao Ginásio (que foi obrigatório entre 1931 e 1971 e excluiu consideravelmente a oportunidade de progressão escolar). Evidentemente, a pesquisa não pôde auferir sobre a prática docente em si, por não dispor de fontes suficientes, mas foi possível observar que muitas professoras solicitaram livros do programa e enalteceram as qualidades iconográficas desses. Convém destacar também que a recepção dos discursos imagéticos estava sujeita à distintas possibilidades, pois ainda que os livros reproduzissem memórias e padrões normativos culturalmente impostos (como os de gênero e os raciais, por exemplo) e silenciassem ou omitissem a participação de outros(as) agentes históricos(as), como africanos(as), afrodescendentes e indígenas, a apropriação das imagens estava suscetível aos limites dos métodos de leitura, é verdade, mas livre em relação às constantes ressignificações das comunidades de leitores(as). Os livros do programa, portanto, tiveram, por meio de seus autores e editores e, quiçá, dos(as) docentes que o trabalharam, a “preocupação do vestígio”, mas também “a necessidade do apagamento” (CHARTIER, 2011, p. 37). A leitura imagética, assim, “fica[va] obliterada por uma relação de forças” (CERTEAU, 1998, p. 266), mas a autonomia dos(as) leitores(as) nos levou a compreender que, ao menos no que tange ao ensino de História, as imagens reproduzidas nos livros

analisados não poderiam ser enquadradas na ideia de que apenas ilustravam os conteúdos didáticos, pois, como destaca o dito popular, muitas *imagens falam mais do que mil palavras*.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A força das representações:** história e ficção. Organizador: João Cezar de Castro Rocha. Chapecó, SC: Editora Argos, 2011.